

AderSousa

Rota do Românico e Vale do Sousa



Pós-Graduação: Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

Trabalho Final:

ROMÂNICO A INOVAR

Professor orientador: Dr. Álvaro Cidrais

Aluno: Artur Augusto Carvalho Moura Magalhães Queirós

Lousada, 30 de Outubro de 2006

©2006, artur queirós, todos os direitos reservados

Índice

1. Introdução	4-6
1.1 Estrutura do trabalho final?	
2. Enquadramento teórico do projecto “românico a inovar” na RRVS	6-9
2.1 A marca RRVS	
2.2 Apresentação da estrutura da RRVS, como meio de contextualizar a complementaridade do projecto “românico a inovar”.	
3. Identificação do modelo e percurso de rota a ser tratado neste trabalho	9
4. Apresentação do Mosteiro de Cête	10-11
5. Estudo da envolvente ao Mosteiro de Cête	12-17
5.1 Análise interpretativa do Mosteiro de Cête e a sua envolvente	
5.2 Estratégias de intervenção ao mosteiro e à sua envolvente	
5.3 Proposta de ordenamento da envolvente do Mosteiro de Cête	
6. Os eventos no Vale do Sousa	17-20
6.1 Dados estatísticos retirados do relatório da RRVS, relativos à procura de espaços culturais	
6.2 Oferta Hoteleira do Vale do Sousa	
6.3 Eventos que se destacam no Vale do Sousa	
7. O românico inova para receber de braços abertos um maior espectro de eventos	20-25
7.1 O que é o novo conceito “espaços do românico”?	
7.2 Actividades a decorrerem nos diferentes espaços do românico	
7.3 Actividades lúdico-culturais no Mosteiro de Cête – espaço do românico	
7.4 Espaços do românico na envolvente do Mosteiro de Cête	
8. Motivações para a RRVS	26
9. Que modelo de desenvolvimento turístico segue o projecto “românico a inovar”?	27-28
10. Sustentabilidade do projecto apresentado neste trabalho	29-31
10.1 Análise swot	
10.2 Repercussões Sociais e Ambientais	
10.2.2 Entrevista com Dr. Amândio Santos, sobre as implicações sociais do projecto “românico a inovar”.	
10.2.2 Entrevista com o Biólogo Miguel Leal, com o impacto ambiental do projecto “românico a inovar” como tema central.	
11. Conclusão	32
12. Bibliografia	33
13. Anexos	

Índice de anexos

Anexo I – Figura nº III-3 – Apresentação do percurso 2 (de Cête a S. Pedro de Abragão e Terras de Paiva) da RRVS

Anexo II – Mapa de diferentes acessos viários ao Mosteiro de Cête

Anexo III – Tabelas indicadoras da oferta hoteleira no Vale Do Sousa

Anexo IV – Fotos de infra-estruturas propostas a reconversão

Anexo V – Entrevista ao Dr. Amândio Santos

Anexo VI – Entrevista ao Dr. Miguel Leal

1. Introdução

O projecto “românico a inovar”, tem como objectivo primordial tornar a RRVS num destino mais atractivo. Este projecto utiliza o caso particular do Mosteiro de Cête e a sua envolvente como objecto de estudo. Pretendo deste modo, através deste monumento criar um protótipo do que deverá ser a RRVS a uma escala global. Para incrementar o potencial turístico da RRVS, ao longo deste trabalho é possível constatar: a existência de um plano de ordenamento fundamentado em trabalho de campo efectuado no âmbito de outros trabalhos realizados no decorrer da Pós-Graduação; novos conceitos, como o de “Espaços do Românico”, alternativas para a promoção de produtos do Vale do Sousa; o incrementar da relação da comunidade local com o românico e a marca RRVS; sugestões para aumentar a capacidade de resposta, face a um publico que se espera heterogéneo; estratégias de manutenção de um programa lúdico-cultural de duração anual; uma preocupação especial para com a gastronomia medieval/tradicional e com as diferentes formas de expressão artística e a atenção incontornável sobre as motivações dos turistas.

É com o objectivo de ser o mais pragmático e fiel possível à exequibilidade deste projecto que ao longo de todo o relatório é visível a criação de uma dialéctica entre todo o suporte teórico pesquisado e criado, e a realidade obtida pelo trabalho de campo e entrevistas efectuadas.

As entrevistas têm uma importância capital neste projecto, pela consistência de que dotam a componente teórica e pelo espírito crítico de que fui imbuído nas conclusões.

A metodologia adoptada, e explicada no presente relatório, tem a intenção de tornar o mais funcional e real possível o entendimento deste projecto sem diminuir a necessidade de um quadro conceptual disciplinado.

No fim deste projecto é possível constatar a possibilidade real, de tornar o Mosteiro de Cête e a sua envolvente, num lugar de excelência para a recepção de eventos e de adaptação ao conceito de “espaços do românico”. Com a aprovação desta iniciativa, sob a forma de entrevista, de pessoas avalizadas, nas áreas do ambiente, ordenamento do território, social e lúdico-cultural.

O projecto “românico a inovar”, não tem como pretensão ser um fim em si mesmo, mas sim constituir um mote para novas perspectivas sobre o românico e a RRVS.

1.1 Estrutura do relatório

O meu trabalho final da Pós-Graduação de Turismo, Ordenamento e Gestão do Território, é constituído por 13 secções.

A primeira parte, a introdução, aborda o objecto de estudo, os objectivos a atingir, os motivos que me impeliram a optar por este projecto, o fim que pretendo alcançar, os métodos utilizados e os resultados alcançados. Completa esta parte inicial do relatório o modo de estruturação do mesmo.

Na segunda secção, está uma breve apresentação do que deverá ser a marca RRVS e uma parte do modelo estrutural do relatório final da RRVS, como forma de contextualizar o projecto “românico a inovar” como uma mais valia e ou vantagem competitiva para a mesma. O ponto três consiste na identificação do modelo e percurso de rota escolhidos para receberem o projecto “românico a inovar”.

Na quarta parte é possível conhecer melhor o Mosteiro de Cête, através de uma apresentação do mesmo.

A quinta secção é dedicada ao estudo da envolvente do Mosteiro de Cête, e é fruto de pesquisa de campo e reflexão sobre os dados daí retirados, apresentados sob a forma de quadros e um mapa, partes integrantes de um trabalho de grupo de que fui parte integrante, no decorrer desta Pós-Graduação. De referir a existência de um plano de ordenamento nesta parte do relatório.

O sexto ponto é relativo aos eventos no Vale do Sousa, com alguns dados estatísticos retirados quase na totalidade do relatório final da RRVS, numa perspectiva de enquadrar com maior consistência as propostas lúdico-culturais do “românico a inovar”, que pretende ser parte integrante da RRVS.

Na sétima parte, é dado a conhecer o novo conceito de “espaços do românico” coração do projecto “românico a inovar”. Com a apresentação do conceito, das funcionalidades do mesmo e o modo como o Mosteiro de Cête e a sua envolvente podem ser inseridos ou convertidos a “espaços do românico”

O ponto oito faz referência a um factor fundamental para sustentabilidade da RRVS, falo das motivações que trazem o turista ou visitante até ao Vale do Sousa, até ao românico.

A nona parte é dedicada aos princípios que deverão servir de base a um modelo de desenvolvimento turístico, adequado ao “românico a inovar” e à RRVS.

A décima secção contempla uma análise ao “românico a inovar” com o intuito de aferir indicadores de sustentabilidade do mesmo. Para atingir tal efeito, é efectuada uma análise

SWOT e entrevistas a pessoas avalizadas académica e empiricamente nas áreas: lúdico-cultural, ambiental.

A conclusão é o ponto 11 neste relatório e torna visível, os resultados atingidos com este exercício teórico denominado de “românico a inovar”.

As últimas partes, a 12 e 13 são destinadas à bibliografia e aos anexos, que atestam a veracidade de toda a informação presente neste trabalho final.

2. Enquadramento teórico do projecto “românico a inovar” na RRVS

2.1. A marca RRVS

Relativamente à marca RRVS, e tudo o que o conceito de marca implica, todas as sugestões neste trabalho que implicam protocolos, ou qualquer outro meio de contrato, com entidades eclesiásticas, públicas ou privadas, deverão ser enquadradas jurídica e legalmente, de forma a ser sempre salvaguardada a entidade histórica do românico, bem como as estratégias de marketing, sob estudo e utilização, presentes neste trabalho.

Está presente no decorrer deste trabalho um conceito de marca RRVS, sinónimo de conforto, qualidade, segurança, inovação e atracção, como condição *sine qua non* de sucesso de todos os elementos que constituem e dão forma ao projecto “românico a inovar”.

2.2. Apresentação da estrutura da RRVS, como meio de contextualizar a complementaridade do projecto “românico a inovar”.

Ao longo deste trabalho estará sempre presente um princípio de complementaridade com o modelo da RRVS. Apresento de seguida as hipóteses teóricas oferecidas pelo modelo da RRVS, que assenta em rigorosos critérios de selecção dos seus monumentos, e cria um espaço de complementaridade entre eixos dominantes, complementares e percursos, com o objectivo de tornar a RRVS e o vale do Sousa num destino turístico atractivo.

Após análise, escolherei um dos três modelos de rota propostos pela RRVS e um dos dois percursos existentes.

Deste modo, importa referir os principais critérios orientadores que deram forma à estruturação e apresentação da RRVS.

O primeiro consiste na identificação global da Rota, em função dos 21 objectos patrimoniais que a constituem, servindo-se de um **princípio de selectividade**, que assenta em cinco critérios centrais:

1. Relevância histórica no âmbito do período de eclosão do Românico português;
2. Integridade artística do conjunto;
3. Qualidade das valências artísticas românicas (sobretudo nos domínios da arquitectura e da escultura ornamental);
4. Preservação de uma envolvente paisagística, arquitectónica, urbanística e ambiental coerente e relevante, do ponto de vista da sua atractividade intrínseca;
5. Existência de uma classificação por parte do IPPAR (Ministério da Cultura) que valide a sua importância patrimonial nacional; (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa**, 2004)

Atingido o objectivo da identificação global da rota. Pela diversidade de características que esta encerra, urge a necessidade de estabelecer a diferenciação dos objectos em dois grupos, um constitui o denominado eixo dominante, em torno do qual a rota está concebida e o outro insere-se no eixo complementar, que assume um carácter de alternativa, no sentido de aumentar o espaço e o tempo de fruição do património românico e das estadias necessárias para a sua concretização.

Com a definição destes dois grupos de objectos e eixos, através da observância, total ou parcial, dos critérios supra-citados, resta referir que a inserção dos objectos nos dois eixos, obedeceu também aos seguintes três critérios complementares:

1. Dificuldade de estabelecimento claro de um carácter inequivocamente românico dos elementos em presença (de feição excessivamente tardia, híbrida ou indeterminada – vejam-se os casos de algumas das pontes medievais);
2. (dificuldades de acesso e/ou visita, devido ao seu excessivo isolamento ou estatuto de propriedade, bem como das condições de recepção de visitantes que dispõe (disponibilidade de estacionamento para automóveis e autocarros, serviços de recepção e informação no local, etc.);
3. Estado geral de conservação (considerando as perspectivas que se colocam com as acções em curso ou previstas, no âmbito do restauro, conservação e valorização geral dos imóveis inseridos na RRVs). (Idem)

Na definição dos percursos, interessa garantir a existência de um **princípio de coerência interna**, para a qual contribui a observância dos seguintes critérios:

1. Proximidade espacial entre os objectos patrimoniais, tendo em consideração a rede viária (principal, complementar e municipal) que poderá sustentar o itinerário da visita;
2. Similitude artística e arquitectónica dos objectos patrimoniais serem incluídos em cada um dos percursos, em especial atendendo à escala de interesses que poderão suscitar nos potenciais visitantes. Neste âmbito, a coerência interna de cada percurso não assenta na homogeneidade mas numa diversidade que assegure a coerência ao nível do potencial que cada objecto revela, à priori, na atractividade da Rota;
3. Combinação dos objectos (ou engenharia dos percursos), de molde a garantir a selecção de públicos alvo mas garantindo, em simultâneo, uma necessária flexibilidade. (Idem)

Os percursos oferecem flexibilidade e capacidade de resposta às diferentes motivações dos turistas, por isso os percursos que sejam fruídos num modelo de viagem e estadia mais prolongada e, conseqüentemente, mais exploratória dos valores patrimoniais deste território, combinam aqueles dois “eixos” de objectos românicos com um terceiro conjunto que se designa por “suplementar” e que integra diversos outros elementos (igrejas, capelas, solares, citânias, megalitos, etc.), independentemente da exigência da sua identidade românica, deixando ao critério dos visitantes ou dos operadores turísticos, que definam e comercializem programas associados a esta Rota, a escolha mais adequada destes, proporcionando um campo mais abrangente à aplicação uma “geografia variável” na definição de percursos. (Idem)

A Rota está estruturada em função dos dois percursos elementares referidos, combinados diferenciadamente em três tipos de configuração desta Rota. Alternativos entre si de modo a atingir um maior numero de públicos alvo e a conseqüente exploração de produtos turísticos ancorados à RRVS:

Rota Genérica (Tipo A)

Rota Alargada (Tipo B)

Rota Especializada (Tipo C)

Estes três tipos de modelação da Rota foram feitos tendo como base os seguintes factores:

- Público alvo (suas motivações)

- Tempo de estadia
- Grau de ligação aos objectos “dominantes” e “complementares”

Rota Genérica (Tipo A):

1. Motivações culturais
2. Estadia indicativa de 2 dias: percurso 1: um dia; percurso 2: um dia.
3. Objectos “dominantes”, com inclusão parcial dos “complementares”

Rota Alargada (Tipo B)

1. Motivações ambientais-paisagistas e lúdico-culturais (públicos alvo mais alargados).
2. Estadia indicativa de 4 dias: percurso 1: dois dias; percurso 2: dois dias.
3. Rota estruturada em função dos objectos patrimoniais “dominantes” e “complementares” (românicos) mas alargada aos que se designam por “suplementares”.

Rota Especializada (Tipo C)

1. Motivações culturais (particularmente do românico)
2. Estadia indicativa de 1 dia: percurso 1 (seleccionado): manhã; percurso 2 (seleccionado): tarde.
3. Rota centrada numa selecção de oito objectos patrimoniais românicos (do eixo considerado *dominante*) que revelam a excepcionalidade do destino “Vale do Sousa”, enquanto espaço do românico no Noroeste Português e Peninsular.(Idem)

3. Identificação do modelo e percurso de rota a ser tratado neste trabalho

Face aos objectivos a que me proponho atingir com este trabalho, sendo o Mosteiro de Cête e a sua envolvente os meus objectos de estudo, impõe-se que escolha a rota alargada tipo B (percurso 2), (Anexo I) como a que melhor corresponde ao projecto “românico a inovar”, face às características temporais da estadia, às motivações ambientais-paisagistas e lúdico-culturais dos potenciais turistas e ao tipo de objectos patrimoniais incluídos neste de modelo de rota.

4. Apresentação do Mosteiro de Cête

É uma Igreja de um antigo Mosteiro Rural, considerado um monumento de transição e que pertence à rota do românico, mais pelo seu significado histórico.

Neste monumento fiquei especialmente impressionado com as garbulas existentes do lado exterior e com o jardim com os sarcófagos, que me preencheram com a sensação de descoberta de um bocadinho da história. Senti ao andar em torno daquele jardim que estava a visualizar um pedaço da história daquele local, de diferentes ângulos. Também não passaram despercebidos os túmulos existentes junto às paredes que rodeavam o jardim, que assumiam um papel secundário naquele contexto.

De todo o monumento, o local que mais me fez sentir dentro da história, foi sem dúvida alguma o jardim com os sarcófagos com a espada esculpida indicando a presença de um cavaleiro.



Este monumento tem uma função cultural e está em Paredes, Cête, Lugar do Barreiro num meio rural, num local isolado perto da povoação de Cête, totalmente desimpedida e bem enquadrada paisagisticamente. **Rodrigues, Jorge** (s.d.)

A sua história é das mais complexas de monumentos românicos portugueses, começando por uma doação aos beneditinos por parte de dois mouros convertidos ao cristianismo. Destruído esse primeiro mosteiro pelos árabes em finais do século X, foi reconstruído logo após, por iniciativa de um cruzado da Gasconha. Voltando a ser alvo de uma extensa campanha de

construção no século XV, de carácter já manuelino, que entre outras modificações, interveio no claustro e na sala capitular.(Idem)

A fachada impressiona imediatamente pela sua irregularidade, graças à sua altura, à grande torre ameada do lado Norte e, sobretudo, ao gigantesco contraforte, sensivelmente ao centro, de decoração manuelina, solução de recurso de pobre impacto estético. O portal, de quatro arquivoltas, é já apontado, assentando os arcos sobre colunas com capitéis. Bem mais simples é o portal Norte, ogival, enquanto a Sul, dando para o claustro, vamos encontrar uma outra porta que constitui o elemento estrutural mais antigo do conjunto, ainda do século XII, com o singelo tímpano decorado por um simples toro semi-circular.(idem)

O interior é de uma só nave com cobertura de madeira sendo a sua parte superior, tal como a ampla cabeceira, já gótica, tendo esta última três tramos, cobertos por abóbada que, acompanhando o seu remate semi-circular, termina em quarto de esfera; a decoração da parte inferior é feita por arcadas cegas, solução tradicional no românico duocentista da região, assentando o arco triunfal em capitéis historiados. Destaque final para a rosácea sobre este arco, com uma estrela de seis pontas, já que a da fachada foi refeita aquando do restauro. (Idem)



5. Estudo da envolvente ao Mosteiro de Cête

Dada a necessidade de interpretar o Mosteiro de Cête e a sua envolvente como um local atractivo a um nível lúdico-cultural e ambiental-paisagístico, através de trabalho de campo foi possível construir um quadro de análise interpretativa do Mosteiro de Cête que será apresentado de seguida, tal como um quadro de estratégias de intervenção ao Mosteiro de Cête e a sua envolvente, que nasce de uma reflexão sobre o primeiro.

Após a análise dos dois quadros, referidos em cima, surge uma proposta de ordenamento, com o fim de dinamizar o monumento em questão e o espaço que o envolve, respeitando sempre a identidade histórica do mesmo e o património ambiental que o emoldura.

O ponto 5 denominado de, Estudo da envolvente ao Mosteiro de Cête, é desenvolvido a partir de um trabalho de grupo efectuado por, Queirós, Artur . Leal, Miguel . Lacerda, Liliana . Carvalho, Luís (2006) em trabalho não publicado.

5.1 Análise interpretativa do Mosteiro de Cîte e a sua envolvente

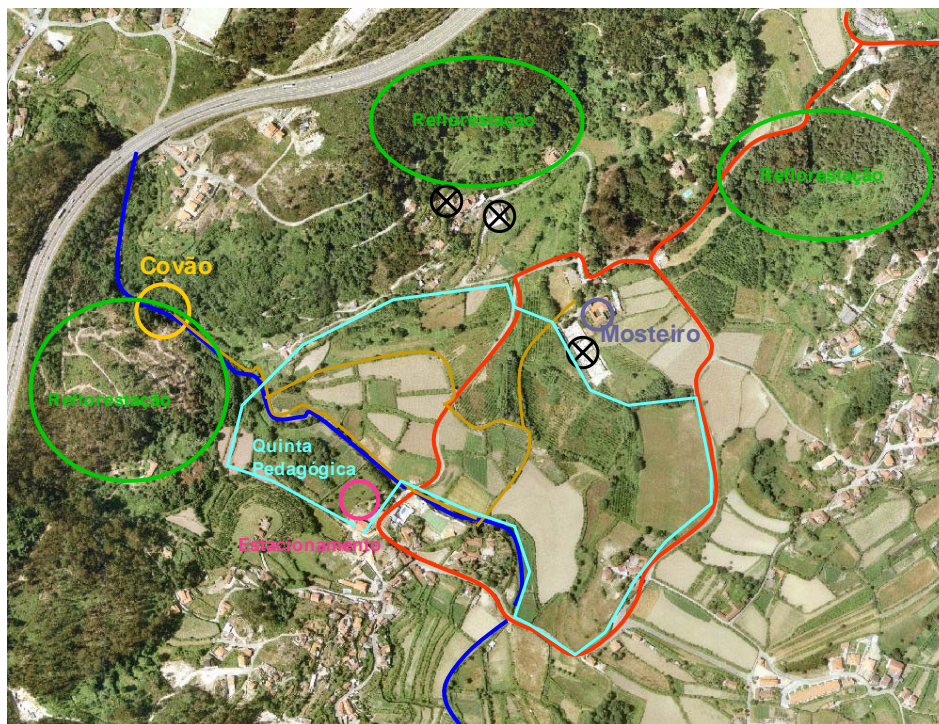
	Pontos fracos	Pontos fortes
Espaços Canais	<p>Linhas de Água: existência de lixo, de difícil acesso; caudal de Românico A Inovar pouca expressão durante o Verão.</p> <p>Rede Viária: Na maioria dos casos, não tem perfis adequados (estreitos), tortuosos, sem passeios e locais de estacionamento, desvirtualização dos caminhos rurais (calcetados, asfaltados, obstruídos com vegetação), bermas sem manutenção (vegetação, buracos).</p> <p>Rede viária de acesso à envolvente do Vale do Sousa: A4 pelo nó de Parada/Baltar, as novas auto-estradas de ligação ao Vale do Ave – ver designação da auto-estrada e dos nós de Croca e de Paços de Ferreira. Linha de Caminho de Ferro, estação de Cête a 2kms do local). (Anexo II)</p>	<p>Linhas de Água: espaço potencial de recreação e lazer; existência de trechos de corredores rípicolas saudáveis.</p> <p>Rede Viária: cariz rural e pitoresco de alguns caminhos.</p>
Espaços Agrícolas e Florestais	<p>Existência de eucaliptais; e áreas ardidadas não repovoadas.</p> <p>Abandono de alguns terrenos agrícolas (incultos, florestados com espécies exóticas), maus cheiros provenientes da criação de animais.</p>	<p>Existência de prática agrícola conferindo cariz rural ao espaço envolvente;</p> <p>Existência de espécies autóctones (Lodão, carvalhos);</p>
	Pontos fracos	Pontos fortes
Espaços Edificados	<p>Existência de construções desenquadradas da envolvente (armazéns, arquitectura moderna desqualificada); edifícios degradados. Existência de muros e de um cemitério em materiais que não se enquadram na paisagem.</p> <p>Edificações rurais e produtivas tradicionais em mau estado de conservação (beirais, eiras, moinhos).</p> <p>Inexistência de equipamentos e infra-estruturas de Apoio e serviços (casas de banho, restauração).</p>	<p>Existência de edificações rurais e produtivas tradicionais potencialmente recuperáveis/valorizadas.</p> <p>Presença de arquitectura e métodos construtivos vernaculares.</p>

5.2 Estratégias de intervenção ao mosteiro e à sua envolvente

Espaços Canais	<p>Rede Viária:</p> <p>Definir um eixo viário principal para canalizar os turistas (seria alvo de melhoramentos);</p> <p>Criação de estacionamento para autocarros (na periferia);</p> <p>Aproveitamento de alguns caminhos de cariz rural e pitoresco e definição de novos percursos pedonais de acesso ao mosteiro e ao covão;</p> <p>Criação de várias modalidades de acesso aos locais de interesse (bicicletas; cadeiras de rodas especiais para terrenos acidentados);</p> <p>Linhas de Água:</p> <p>Limpeza da Ribeira de Baltar e regeneração do corredor ripícola;</p> <p>Definição de locais de acesso e desfrute da ribeira de Baltar (Covão);</p>
Espaços Agrícolas e Florestais	<p>Reflorestação com espécies autóctones (carvalho, castanheiros, salgueiros, amieiros, faias);</p> <p>Criação de uma Quinta Pedagógica de modo a manter a actividade agrícola activa, circunscrever a área destinado à pecuária;</p>
Espaços Edificados	<p>Requalificação de edificações pré-existentes desenquadradas da envolvente (demolição e reconversão);</p> <p>Requalificação do cemitério fazendo uso de materiais que se enquadrem na paisagem e que vão de encontro aos usos construtivos de arquitectura vernacular e tradicional;</p> <p>Converter algumas edificações rurais e produtivas tradicionais em mau estado de conservação (beirais, eiras, moinhos) para restauração e bar;</p> <p>Criação de equipamentos e infra-estruturas de apoio e serviços (centro interpretativo, casas de banho).</p> <p>Reconversão da casa do caseiro para estalagem.</p>

Interpretação da Paisagem	Minimizar o impacto sonoro e visual da auto-estrada através da criação de uma barreira vegetal de folha perene; Colocação e substituição do mobiliário existente por outro mais adequado à paisagem rural da envolvente ao mosteiro; Colocação de sinalética interpretativa e informativa;
---------------------------	--

5.3 Proposta de ordenamento da envolvente do Mosteiro de Cête



Quinta Pedagógica	Pontos Negros	Ribeira do Covão
Reflorestação	Estrada Municipal	Queda de Água
Estacionamento	Caminho Pedonal	Mosteiro de Cête

Nesta proposta de ordenamento, está subjacente um princípio de criação de um limite geográfico que permita constituir uma fronteira, entre o que será um território com a ambiência do românico e um território desprovido da mesma.

Toda a estratégia de ordenamento desta área geográfica foi constituída, com base nos quadros de interpretação e intervenção do mosteiro e da sua envolvente. Sendo por isso o limite geográfico sob a ambiência do românico, constituído com base nas áreas que são alvo do plano de intervenção da envolvente do Mosteiro de Cête.

Como é visível na imagem em cima, ficou definida a criação de uma quinta pedagógica; de um local de estacionamento, numa das portas da área do românico; a requalificação de alguns espaços edificados (referenciados como pontos negros); a reflorestação de algumas áreas ardidias; a criação de um trajecto pedonal que acompanha a ribeira e a queda de água do Covão e que sirva de ligação entre o parque de estacionamento e toda a área do românico definida em torno do Mosteiro de Cête.

Para além da rede viária assinalada a vermelho e os caminhos pedonais propostos a amarelo, deverá acompanhar o caminho pedonal um traçado destinado a outros meios de transporte alternativos, como podem ser exemplo as bicicletas.

Com este ordenamento de território, pretende-se tornar a área envolvente ao Mosteiro de Cête num espaço lúdico-cultural de fruição visual e interpretativa de excelência.

Seguindo o plano de ordenamento proposto em consonância com as estratégias de intervenção no mosteiro e sua envolvente, estão criadas as infra-estruturas para se poder pensar na concepção, programação e execução de eventos, explorando o potencial cultural, ambiental e paisagístico do Mosteiro de Cête e a sua envolvente.

6. Os eventos no Vale do Sousa

A realização de eventos no vale do Sousa como estratégia de divulgação e consequente atracção turística, aparece como inevitável, na sociedade actual, eterna insatisfeita, e susceptível de responder ao apelo da arte, quando envolvida num ambiente lúdico-cultural.

Numa viagem por alguns dados estatísticos, retirados do (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa**, 2004), é possível ter uma percepção mais realista do que é o Vale do Sousa, no panorama lúdico-cultural.

Neste momento a dinâmica cultural do vale do Sousa, segundo a classificação da RRVS, oferece em equipamentos:

- Bibliotecas
- Cinemas
- Teatros e Cine-Teatros
- Auditórios e outros espaços municipais
- Museus

Estes equipamentos existem nos concelhos do vale do Sousa, e servem a comunidade em múltiplos sentidos, sendo um deles o lúdico-cultural. Interessa esclarecer neste momento que a estratégia que este trabalho defende passa por cada sala de exposição ou palco com a marca RRVS ser um lugar de acolhimento para as manifestações de arte que passam ou estão cingidas neste momento a um local em determinada autarquia. Nasce o objectivo de criar na RRVS, um circuito aberto de passagem obrigatória, de toda a cultura do Vale do Sousa, salvaguardando sempre a coerência da agenda cultural RRVS.

As sugestões são feitas em virtude do panorama lúdico-cultural do vale do Sousa existente actualmente, que será apresentado de seguida.

6.1 Dados estatísticos retirados do (Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004), relativos à procura de espaços culturais

Um indicador que as Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 2002 do INE, nos revelam parcialmente sobre a procura dos espaços culturais, é o número de espectáculos ao vivo decorridos em 2000 e em 2001 e, apesar desta realidade em alguns concelhos do Vale do Sousa estar sujeita a segredo estatístico (Felgueiras, Paredes e Penafiel), e noutros (Castelo de Paiva, Lousada e Paços de Ferreira) não ter qualquer registo, em termos da NUT III – Tâmega, esta região acolheu 70 espectáculos, com uma audiência total de 52.017 espectadores e uma receita total de 22,3 milhares de euros, no ano de 2000.

Em 2001, deu-se um aumento significativo no número de espectáculos ao vivo realizados no Tâmega, bem como no número de espectadores, apesar de a receita gerada com a realização desses espectáculos ter sido inferior ao ano transacto. Assim, foram realizadas:

- 253 sessões (o que expressa um aumento de cerca de 260%);
- para 106.805 espectadores (+105,3%);
- e com uma receita global de 11,2 milhares de euros (-49,8%)

Neste mesmo ano, o Concelho de Penafiel registou 57 espectáculos ao vivo, que tiveram 57.372 espectadores e geraram 4 milhares de euros.

6.2 Oferta Hoteleira do vale do Sousa

Relativamente à oferta Hoteleira no Vale do Sousa, como é possível confirmar, nas tabelas, (Anexo III), existe uma necessidade evidente de aumentar a quantidade e qualidade da oferta na hotelaria, para que seja possível e realista pensar no Vale do Sousa e na RRVS como destinos turísticos na verdadeira acepção do termo.

6.3 Eventos que se destacam no Vale do Sousa

São diversos os eventos que se destacam no Vale do Sousa, quer pela sua relevância lúdico-cultural, quer pela potencial relação com românico, que como se poderá verificar pelos locais em que se realizaram muitos dos eventos é evidente. O público aderiu positivamente aos monumentos do românico como o palco do Vale do Sousa.

Merecem especial referência os seguintes eventos: “Encontros de Música das Terras de Sousa”, enquadrados nos “Encontros de Música da Casa de Mateus”, que se realizaram no Verão de 2003. Este conjunto de eventos envolveu cinco concertos, nos seguintes espaços:

Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras): *Ensemble Música Antiqua de Provence*;

Casa de Juste (Lousada): *Orquestra Gulbenkian*;

Mosteiro de Cête (Paredes): *Ensemble de Música Antiga*;

Mosteiro de S. Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira): *Ensemble de Música Antiga*;

Mosteiro de Bustelo (Penafiel): *Cellíssimo - Quarteto Romeno de Violoncelos*. (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa**, 2004)

Denotando o potencial de ligação do românico a diferentes tipologias de eventos no Vale do Sousa, são exemplo:

“*Entre Pedras, Palavras – Ciclo de Literatura Lusófona*”, realizado no Museu de Penafiel, em Maio e Junho de 2003;

Encontro de Teatro de Felgueiras, que realiza em 2004 a sua sétima edição;

Encontro de Cantadores de Reis, em Felgueiras, tendo realizado a XIV edição em 2004;

Encontro de Catares de Janeiras, em Castelo de Paiva;

Feira das Tradições (folclore, recriação de feira tradicional de há cem anos, jogos populares, etc.), na Alameda de Santa Quitéria (Felgueiras), que registou a VI edição em 2003; Feira do Sec. XIX, no Parque das Tílias (Castelo de Paiva);

Festival Internacional de Folclore e Noites Internacionais de Folclore, de Varziela e da cidade de Felgueiras;

Exposições várias e realização de colóquios e seminários, na Biblioteca Municipal de Felgueiras;

Actividades cénicas no Teatro Fonseca Moreira, em Felgueiras;

Várias outras actividades de animação no concelho de Penafiel: Sons de Verão

(Programa de Animação Cultural); Sons do Património (Ateliers de Verão; Anegia Cine

(Programas na área do cinema e do audiovisual); Bienal de Pintura Arte Jovem; (Idem)

É de referir que nos últimos dois anos foi dada continuidade aos diferentes programas culturais mencionados anteriormente, com o melhoramento de alguns eventos e criação de alguns novos. Para além da potencial ligação patente entre os eventos referidos no Vale do Sousa e a Rota do Românico, existem outros de cariz cultural e recreativo como são exemplo: as feiras, exposições, festividades tradicionais e eventos de teor religioso.

No corrente ano, é possível verificar a continuação da realização de novas edições de alguns eventos referenciados nos anteriores parágrafos, como são exemplo: Encontros De Música Das Terras Do Sousa; o projecto Sentir A Música 2006; Sons de Verão; entre outros de variada tipologia. Como exemplo da criação de novos projectos, temos a primeira edição do Minis à Sopa Seca, num acto de clara promoção da gastronomia tradicional do Vale do Sousa.

Segundo **Santos, Joaquim Amândio** (2006): p 3 anexo V “*Só no ano de 2006, programei e produzi para o Município penafidense uma dezena de eventos, integrados no Ciclo Acção! – Desporto para o Século XXI.*

Dois seminários temáticos registaram, no somatório, 300 participantes. Milhares de pessoas foram para as estradas do concelho verem as diversas iniciativas integradas na Semana do Desporto Automóvel, enquanto participantes de todo o país aderiram ao evento Minis à Sopa Seca.

Na área cultural, programei o projecto “Pontes de vista, pontos de contacto” que tem levado a praticamente todas as freguesias rurais de Penafiel as mais diferentes artes performativas clássicas e contemporâneas, registando sempre a forte aderência do público local, teoricamente menos receptivo a este tipo de propostas.”

A identificação no Vale do Sousa de diversas associações e empresas que actuam nos domínios da música antiga, dos coros, da música filarmónica e da musicalidade popular do Vale do Sousa, mostra que a animação cultural e recreativa faz parte das práticas regulares das populações. (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004**)

Tem especial interesse para a Rota do Românico, os grupos de música antiga, os coros e os grupos cénicos. Para que outras actividades de animação como música moderna, eventos desportivos e etc, possam ser potencialmente ligadas à Rota do Românico, é necessário inovar.

7. O românico inova para receber de braços abertos um maior espectro de eventos

“Uma tendência geral de desenvolvimento da oferta de equipamentos e de infra-estruturas culturais, recreativas e desportivas, bem como do calendário de actividades regulares de animação e da sua promoção, o que constitui, apesar das carências que continuam a subsistir, um potencial relevante no campo das actividades turísticas e de lazer no Vale do Sousa;” **(Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004)**

Para que seja possível manter coerente a agenda cultural da RRVS tem de se garantir a existência de uma organização imparcial e gestora de toda a agenda do românico no Vale Do Sousa.

Com o intuito de potenciar a animação cultural e recreativa, numa ligação de simbiose com a rota do românico, proponho a criação de novos espaços lúdico-culturais na envolvente dos monumentos, no sentido de expor ao românico, um publico o mais heterogéneo possível. Com esta estratégia pretendo que pessoas que se desloquem aos monumentos ou à sua envolvente com motivações que não se prendem com o românico, percebam o valor histórico do vale do Sousa e sintam o fascínio de uma viagem no e pelo românico.

Nessa perspectiva de criação de uma ambiência com a marca da RRVS, sugiro a existência do que serão as salas do românico, o restaurante, bar e estalagem do românico, junto ao monumento, através da reconversão de alguns edifícios e da criação de outros de raiz. Nasce assim o conceito de Espaços do Românico.

7.1 O que é o novo conceito “espaços do românico”?

O conceito espaços do românico, é uma mais valia porque: garante a difusão da cultura em todo o Vale do Sousa; permite o acesso ao românico associado a outras motivações como a lúdica, ambiental ou gastronómica durante todo o ano; promove os produtos do Vale do Sousa em locais referenciados e sem a sazonalidade característica dos eventos existentes actualmente, como as festas populares ou feiras; oferece diversidade de produtos com a marca RRVS, que terá de ser forçosamente sinónimo de qualidade.

“ Qualidade e diversidade, eis uma dupla de sucesso na programação!” Santos, Joaquim Amândio (2006) : p 6 anexo V

Características dos “espaços do românico”:

1. Decoração RRVS – apelativa ao românico, coerente entre todos os espaços que constituem a rota do românico e que tenha como base os produtos do Vale do Sousa
2. Existência de um balcão de informações sobre a RRVS, e um local de leitura com bibliografia a definir dentro do contexto histórico do Vale do Sousa.
3. Quadro de recursos humanos, devidamente qualificado.
4. Protocolos com as entidades eclesásticas
5. Exploração a cargo de organismos públicos ou privados
6. Preço de baixo valor para usufruir da área geográfica delimitada como envolvente aos monumentos.
7. Preços a estipular, para o acesso aos “espaços do românico”
8. Horários de funcionamento a definir

7.2 Actividades a decorrer nos, diferentes espaços do românico

Sala do Românico

As salas de exposição serão destinadas a qualquer forma de expressão de arte e a eventos de cariz didáctico -pedagógico, que estejam de algum modo relacionados com o românico durante um período temporal mínimo a estipular deixando um espaço temporal em cada ano para exposições de tema livre.

Realização de eventos de diversa tipologia:

1. Centro De Interpretação,

O centro de interpretação não é necessariamente elemento da sala do românico, dadas as características de temporalidade e espaciais. Podendo ser em muitos casos num outro local, como é exemplo a sugestão para o Mosteiro de Cête, em que será colocado num espaço anexo ao monumento (ver anexo) a ser alvo de uma reconversão para o efeito. No entanto em situações a serem alvo de estudo, economicamente poderá ser mais viável a existência de um centro de interpretação numa sala do românico associada a um espaço de restauração com a marca românico.

2. Exposições de arte,

- Artes plásticas (instalações, pintura, escultura, etc.)
- Fotografia (instalações, trabalhos em formatos alternativos, etc.)
- Artesanato e produtos típicos (incluindo a realização de “performances” evocativas)

Actualmente no Vale do Sousa existe alguma diversidade de artesanato, sendo no entanto de salientar, o que se destaca pela sua especificidade como são exemplo:

Os bordados da Lixa e de Filá (concelho de Felgueiras), que são fundamentais para a existência da Feira anual dos Bordados Manuais; os trabalhos em linho, como mantas, colchas, tapetes, passadeiras, etc.; os trabalhos em madeira, como tamancaria, tanoaria, escultura rústica, mobiliário, miniaturas, etc.; os trabalhos em tecidos vários, como as bonecas de trapos; a tecelagem tradicional; a cestaria e os trabalhos em peles. (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004**)

Toda esta diversidade de artesanato, além das feiras existentes e locais de produção, com a existência de um Tour ao longo do ano pelas diferentes salas do românico que acompanham os monumentos que constituem a RRVS, ganhará a visibilidade merecida.

3. Seminários, colóquios e worksohps,

- Relacionados com o Vale do Sousa, o Românico, a RRVS, e outras áreas de interesse.

A realização destes eventos, nas salas do românico, ganha especial relevo, pelo facto das mesmas se efectuarem no ambiente do românico, funcionando o contexto físico por si só como elemento pedagógico.

4. Artes de palco,

- Todos os grupos de teatro passam a ter mais palcos e possibilidades de actuação, com a possibilidade de criarem Tours no vale do Sousa pelas diferentes salas do românico que o mesmo possui. Esta iniciativa tem especial relevo no que concerne à realização de teatros vivos.

5. Tertúlias,

- A criação de uma agenda de tertúlias no Vale do Sousa, com uma parte destinada ao românico, e outra a literatura, musica, pintura, cinema, dança, entre outros temas da actualidade. Com a devida difusão nos meios de comunicação social, caminharemos para uma maior e poderosa massa critica no Vale do Sousa.

“Um nível relativamente incipiente das actividades ligadas ao turismo (hotelaria, restauração e serviços complementares), particularmente no que concerne à qualidade de grande parte dos equipamentos, bem como dos serviços prestados. É notória uma forte dependência da procura (profissional e de negócios) associada às actividades económicas locais, apesar de se identificar a emergência de novas procuras, sobretudo as que se combinam com o turismo em espaço rural, o turismo activo, o touring e o turismo de eventos e animação. Neste domínio, o Vale do Sousa possui potenciais de atractividade turística que abrem boas perspectivas de expansão destas actividades, sendo a Rota do Românico um importante projecto, uma vez que desafia as iniciativas locais, mobiliza meios financeiros e lança uma natural expectativa, que importa globalmente aproveitar, sustentada e adequadamente;” (**Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004**)

Restaurante do Românico

1. Lista de pratos medievais
2. Lista de pratos tradicionais
3. Lista de doçaria tradicional/conventual

Bar do românico

1. Realização de pequenos concertos,
2. Acesso directo à sala do românico (com musica ambiente, apelativa à ambiência do românico)
3. Lista de bebidas medievais
4. Lista de doçaria regional

Estalagem do Românico

1. Parte integrante do complexo “espaços do românico”
2. Número de camas a definir

7.3 Actividades lúdico-culturais no Mosteiro de Cête – espaço do românico

No interior do mosteiro de Cête, dadas as suas excelentes condições acústicas poderá ter lugar a realização de concertos, de música medieval ou de canto Gregoriano a exemplo de algumas iniciativas passadas e recentes em diferentes monumentos que compõem a RRVS.

No exterior do mosteiro de Cête, a realização de teatros vivos, é uma sugestão a título de exemplo, dado que o espaço com as características que possui pode ser palco de diferentes eventos dentro das artes performativas.

No sentido de tornar este espaço activo ao longo de todo o ano, surge a necessidade de manter nas proximidades, no caso em particular ao lado do mosteiro, edifícios restaurados capazes de absorver os conceitos de sala, restaurante, bar e estalagem do românico. Para atingir o efeito desejado, seguirei as estratégias indicadas na secção de espaços edificados do quadro de estratégias de intervenção ao mosteiro de Cête e a sua envolvente, apresentado anteriormente. Deste modo estaremos mais próximos de atingir o objectivo, de que qualquer turista, no momento que entra na envolvente do mosteiro, sentir que está numa realidade diferente, que o coloca mais próximo do românico e de uma ambiência de cariz místico.

7.4 Espaços do românico na envolvente do Mosteiro de Cête

A criação dos espaços do românico será efectuada de acordo com as estratégias definidas para os espaços edificados no quadro de intervenção na envolvente do mosteiro de Cête.

As fotos das infra-estruturas, que serão propostas a reconversão, com o intuito de se tornarem em espaços do românico, Centro de interpretação; Sala e bar do românico; Estalagem e restaurante do românico, (Anexo IV)

8. Motivações para os turistas ou visitantes da RRVS

“O turista é atraído pelo exótico, pelo diferente, pelo «outro» que se lhe oferece como um estranho a descobrir (Campêlo Álvaro, s.d. citando cf. Smith, 1987)”

As pessoas deslocam-se em função dos estímulos que lhes são apresentados, que posteriormente despoletam diferentes motivações.

Já é consensual que a RRVS não é um projecto sustentável, com base num estímulo que motiva apenas algumas elites intelectuais, isto é, o românico por si só não cativa a vinda de um público, cuja quantidade seja significativa. Pelos motivos conhecidos e apresentados, surgiu a necessidade de fazer uso do conceito de suplementos, através fundamentalmente dos recursos físicos e eventos existentes.

No entanto será também consensual que os eventos normalmente não são associados aos monumentos românicos. Face a esta situação, torna-se inevitável levar os eventos até ao românico.

Deste modo os turistas, motivados pelo estímulo lúdico-cultural, chegando a um espaço do românico, pelas suas características físicas e toda a ambiência, sentirão o irresistível apelo do desconhecido, do que é diferente, porque para além de terem ido a um concerto de canto gregoriano por exemplo, conheceram um mosteiro românico, que tem condições de acessibilidade, de restauração, de oferta hoteleira e de fruição paisagista que constituem um pequeno tesouro. Quem tira uma moeda quer tirar mais, e a partir do que marca RRVS ofereceu no primeiro contacto do turista com o românico, vai aumentar a vontade de conhecer os outros monumentos do românico que têm também associados aos mesmos uma agenda cultural coerentemente ligada à que conheceram na primeira aventura pelo românico.

Podemos então concluir que, a criação dos espaços do românico, pelas suas características físicas e temporais, juntamente com um ordenamento de território que privilegie a natureza e garanta boas condições aos visitantes, realça o românico e garante um maior público e mais heterogéneo, pelas diferentes motivações que um projecto desta natureza despoleta. Motivações de diferentes âmbitos: cultural; lazer; lúdicas; ambientais e paisagistas.

9. Que modelo de desenvolvimento turístico segue o projecto “românico a inovar”?

Expostas as condições que o Vale do Sousa oferece para se tornar num destino turístico atractivo e apresentado o conceito de “espaços do românico”, é chegado o momento de enquadrar o projecto “românico a inovar” num modelo de turismo.

Este trabalho tem como premissas, a preocupação ambiental; a salvaguarda da identidade histórica e social; a promoção dos mais diversos produtos do Vale do Sousa e a interacção e envolvimento da população local com o turismo. Resultando num modelo que privilegia a heterogeneidade, como meio de incrementar o grau de sustentabilidade do “românico a inovar”.

Após pesquisa, e com base no exposto no parágrafo anterior, o modelo de turismo, terá de ser pós-fordista, aliás que está de acordo com a filosofia adoptada pela RRVS para o turismo.

Segundo **Campelo, Álvaro** (s.d.),

A Cimeira do Rio (1992) colocou os princípios de um desenvolvimento sustentável:

- a) O desenvolvimento sustentável permite responder às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras responder, por sua vez, às suas;
- b) O desenvolvimento sustentável é um processo de mudança que tem em conta, de forma harmónica, a exploração dos recursos, a orientação dos benefícios, a aplicação das técnicas, a evolução das instituições e empresas, com o fim de reforçar o potencial socio-económico, apto para responder às necessidades e aspirações da humanidade;
- c) Não existe nenhum modelo ideal de desenvolvimento sustentável, já que os sistemas políticos e económicos, assim como as realidades ecológicas, variam de lugar para lugar.

Tendo em conta estes princípios, o turismo sustentável é um turismo aberto e flexível, tendo em conta a realidade económica, social e cultural de um determinado lugar. Donaire (1998) propõe princípios básicos que identificam este modelo de desenvolvimento turístico:

Turismo planificado. A planificação terá em conta um estudo detalhado das condições do presente e das perspectivas do futuro, a partir de determinadas variáveis: económicas, ambientais, sociais e culturais;

Turismo integrado. A oferta turística deve ser o resultado natural dos recursos locais: as formas arquitectónicas, os acontecimentos festivos, a gastronomia, a relação com o território. Não pode haver turismo alheio à identidade (mesmo tendo em conta o quanto difícil é definir este termo) do lugar onde ele se pratica.

Turismo aberto. O turismo sustentável está aberto ao seu território. A dimensão local do turismo assenta nas especificidades locais, na abertura às localidades vizinhas, propondo assim uma oferta baseada na diversidade;

Turismo dimensionado. Não pode haver um turismo sustentável sem estar dimensionado ao tempo em que se realiza e ao espaço onde se pratica. O fim do conceito de «estação» turística é importante para reduzir os impactos sobre o território, a despersonalização da experiência turística. A viabilidade de um projecto turístico depende de um dimensionamento onde a capacidade do território e a qualidade da experiência sejam acauteladas.

Turismo participativo. Deverão ser incluídos novos sistemas de gestão, através da participação de todos os agentes que intervêm no processo turístico. É importante referir que esses agentes não são meramente os profissionais do turismo, mas também as comunidades locais, as associações comunitárias e outros agentes económicos e políticos.

Turismo duradouro. O turismo sustentável não se baseia num crescimento a curto prazo, tendo em conta a procura. Ele deverá ter em conta o modelo que propõe e definir a partir dele as estratégias a longo prazo. Assim, o turismo sustentável deverá integrar o crescimento económico com a preservação do meio ambiente e da identidade local, as quais são os principais activos do desenvolvimento turístico.

Um turismo sustentado é um modelo que apela a uma lógica de autenticidade, porque é integrador de sentidos múltiplos e de vários agentes. Para isso, é necessário alargar a noção de experiência turística para além do olhar do visitante e da estratégia do vendedor. (Idem)

Dada a limitação de páginas que este trabalho final tem, não irei aprofundar mais o tema de desenvolvimento turístico. Ficam identificadas as premissas que deverão servir de base a um modelo de turismo pensado para o “românico a inovar” inserido na RRVS.

10. Sustentabilidade do projecto apresentado neste trabalho

Santos, Joaquim Amândio (2006): p 4 anexo V diz que,

“(...)para além de ser uma zona charneira e que pode funcionar como um verdadeiro pólo concorrencial, com capacidade de atracção, o Vale do Sousa beneficia das excelentes infra-estruturas ao nível das vias de comunicação terrestres (auto-estradas, linha do caminho de ferro, percurso fluvial do Douro, etc.) e está a um passo do acesso internacional proporcionado pelo Aeroporto Francisco Sá Carneiro.”

Como modo de perceber o quanto este projecto pode contribuir para a RRVS com um valor acrescido, procedo a uma análise SWOT do projecto “românico a inovar”.

10.1 Análise swot

Pontos fortes:

- Inovador
- Público-alvo alargado, dadas as diversas motivações que pode despoletar nos potenciais visitantes ou turistas do Vale do Sousa e da RRVS
- Mantém-se activo ao longo de todo o ano
- Incrementa o potencial ambiental e paisagístico
- Salvaguarda a identidade histórica e realça o românico
- Possui locais com um incrível valor histórico com especial incidência no românico
- Cria novos postos de emprego
- As premissas que servem de base ao que deverá ser o modelo de desenvolvimento turístico do Vale do Sousa.

Pontos fracos

- Custos elevados

Oportunidades

- Aumento da oferta cultural no Vale do Sousa
- Oferta de animação e recriação em épocas de reduzida realização de eventos
- Aumento de público na RRVS

- A inexistência de programas lúdico-culturais com estas características
- A possibilidade de protocolos com entidades eclesiásticas
- A abertura a investidores privados

Ameaças

- Proximidade a pólos de eventos lúdico-culturais como o porto e Famalicão
- Situação económica das autarquias

10.2 Repercussões Sociais e Ambientais

10.2.1 Entrevista com Dr. Amândio Santos, Gestor de Projectos, Professor e Programador de Eventos. Cede gentilmente uma entrevista, que tem como tema as possíveis implicações sócio-culturais do projecto “românico a inovar”. (Anexo V)



Num trabalho que vive em torno das actividades lúdico-culturais no Vale do Sousa, tenho o privilégio de ter a opinião sobre o “românico a inovar” de alguém que pode dizer: “(...)Só no ano de 2006, programei e produzi para o Município penafidense uma dezena de eventos, integrados no Ciclo Acção! – Desporto para o Século XXI.

Dois seminários temáticos registaram, no somatório, 300 participantes. Milhares de pessoas foram para as estradas do concelho verem as diversas iniciativas integradas na Semana do Desporto Automóvel, enquanto participantes de todo o país aderiram ao evento Minis à Sopa Seca.

Na área cultural, programei o projecto “Pontes de vista, pontos de contacto” que tem levado a praticamente todas as freguesias rurais de Penafiel as mais diferentes artes performativas clássicas e contemporâneas, registando sempre a forte aderência do público local, teoricamente menos receptivo a este tipo de propostas.

Desde o início do ano que assumi o planeamento, a comunicação e o marketing da Liga LabMED Sentir Penafiel, que integra os campeonatos de futebol amador do concelho.

Com esta viragem comunicacional e de estrutura os resultados foram imediatos: o número de clubes participantes passou de 22 para 31, o número de atletas de 1100 para 1400 e a presença de elementos nas acções de formação realizadas tem rondado as 7 dezenas (!) por curso.

Estou agora a preparar um projecto chamado "Noites de Coral" que trará até aos monumentos medievais do Vale do Sousa espectáculos musicais com nomes como os de Rodrigo Leão e Nick Cave." Santos, Joaquim (2006) : p 3 e 4. anexo V

10.2.2 Entrevista com o Biólogo Miguel Leal, com experiência de docente na Universidade de Trás-os-Montes, consultor nas áreas de turismo sustentável e ambiente, actualmente exerce a sua actividade profissional, na condição de biólogo na empresa de Águas de Gaia. O seu testemunho enriquece este trabalho, dada a sua formação académica, experiência profissional e conhecimento profundo da envolvente do Mosteiro de Cête. Nesta entrevista a preocupação ambiental, é tema central. (Anexo VI)



"(...) Ao criar espécies autóctones, vão aparecer novos ecossistemas, mais produtivos, com um efeito abrigo enorme, o abrigo para reprodução também vai ter um grande efeito, pois as espécies vão aumentar os seus efectivos e tornarem-se muito mais visíveis para os turistas." Leal, Miguel : p 3. anexo V (2006)

11. Conclusão

Concluído este trabalho denominado de “românico a inovar”, são várias as conclusões que posso inferir acerca dos resultados obtidos, através da pesquisa teórica, trabalho de campo e entrevistas efectuadas.

Deste modo, posso afirmar que o objectivo de tornar a RRVS num destino turístico mais atractivo com a implementação do projecto “românico a inovar”, segundo as tendências que os dados estatísticos referidos ao longo do trabalho nos revelam e mediante as respostas aferidas nas entrevistas efectuadas, é consensual que é uma meta passível de ser atingida.

A complementaridade entre “românico a inovar” e a RRVS ficou patente ao longo de todo o trabalho, a nível ambiental, social e lúdico-cultural.

O Mosteiro de Cête e a sua envolvente, mostram-se perfeitamente passíveis de uma intervenção no âmbito do projecto “românico a inovar”.

A agenda cultural do Vale do Sousa, sairá enriquecida com a dinâmica lúdico-cultural que o projecto “românico a inovar” trará ao Vale do Sousa.

Face às características do Vale do Sousa, da RRVS e do “românico a inovar”, um modelo de desenvolvimento turístico pós-fordista, apresenta-se como algo incontornável.

A diversidade da oferta, mostra ser o caminho a seguir, no intento de dar resposta às diferentes motivações, que um público heterogéneo apresenta.

A sustentabilidade deste projecto, é espelhada na análise SWOT e nas entrevistas cedidas, partes integrantes deste trabalho.

Fica patente a necessidade de quadros qualificados em algumas áreas abordadas no decorrer deste trabalho, como são exemplo os sectores do turismo. É com agrado que verifico no fim deste trabalho final, a possibilidade real de o “românico a inovar” contribuir para uma maior eficácia da RRVS e promoção de cultura comunitária no Vale do Sousa.

Num trabalho, que assenta fundamentalmente em pesquisa e exercícios mentais teóricos, as entrevistas vieram dotar este projecto de um conhecimento empírico sobre o Vale do Sousa, nas áreas ambiental-paisagística e lúdico-cultural, essencial para uma perspectiva prática e exequível sobre o trabalho final “românico a inovar”.

12. Bibliografia

AderSousa-RRVS. [Em linha]. Disponível em <http://www.adersousa-rrvs.com/plano.asp>
[Consultado 28/06/2006].

Allen, Johnny . Otoole, William . McDonnell, Ian . Harris, Rob (s.d.). “Organização e Gestão de Eventos”, Editora Campus

CAMPELO, Álvaro. (s.d.). O autêntico e o banal: como descrever a experiência turística? [Em linha]. Disponível em <http://www.aguaforte.com/antropologia/turismo2.htm#HARVEY>
Consultado em
[22/10/2006].

Clifton, Rita . Simonns, John (2003). “O Mundo das Marcas”, Actual Editora, Lda.

LOPES, Flávio. (s.d.). O Programa de Incremento do Turismo Cultural: Dos novos conceitos e motivações sobre o património cultural à criação de produtos turísticos de qualidade. <http://ceaa.ufp.pt/turismo5.htm>[Em linha]. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/turismo5.htm>
Consultado em
[22/10/2006].

QUEIRÓS, Artur. LEAL, Miguel. LACERDA, Liliana e CARVALHO, Luís. (2006). “Orientação Estratégica para a área envolvente ao Mosteiro de Cête” Trabalho não publicado

RODRIGUES, Jorge (s.d.). “Sebenta Curso Turismo Cultural AderSousa Módulo VI” Trabalho não publicado

SILVA, Elsa. (s.d.). Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. [Em linha]. Disponível em <http://ceaa.ufp.pt/turismo3.htm>
Consultado em
[22/10/2006].

ViaMichelin. [Em linha]. Disponível em www.viamichelin.com
[Consultado 15/10/2006].

Anexo I - Figura nº III-3 - Apresentação do percurso 2 (de Cête a S. Pedro de Abragão e Terras de Paiva) da RRVs



Fonte: Elaboração DHV MC (2004)

(Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004)

Anexo II - Mapa de diferentes acessos viários ao Mosteiro de Cête



2 km

1 mi

© Michelin 2006

©Tele Atlas

Anexo III – Tabelas indicadoras da oferta hoteleira no Vale Do Sousa

Tabela nº II-3 - Oferta de TER no Vale do Sousa (2003)

Categorias de alojamento		Total Geral	HR	TH	TR	AG	CC	CR (c)
Municípios								
Castelo de Paiva	E	1	1	0	0	0	0	0
	C	18	18	0	0	0	0	0
Felgueiras	E	7	0	2	4	0	1	1
	C	64	0	26	28	0	10	90
Lousada	E	6	0	3	3	0	0	0
	C	61	0	35	26	0	0	0
Paços de Ferreira	E	7	2	0	5	0	0	0
	C	87	42	0	45	0	0	0
Paredes	E	3	0	1	2	0	0	0
	C	22	0	6	16	0	0	0
Penafiel	E	6	0	1	4	1	0	0
	C	66	0	10	44	12	0	0
Vale do Sousa	E	30	3	7	18	1	1	1
	C	318	60	77	159	12	10	90

Fonte: Elaboração DHV MC (2004), com base em dados da VALSOUZA, das respectivas Autarquias, da ADETURN e de bases de dados e guias de oferta nacionais (Direcção-Geral do Turismo; ICEP; MaisTurismo; etc.)28.

28 Notas: E – Estabelecimentos; C – Capacidade de Alojamento; (a) entre parênteses indica-se a capacidade de alojamento, em nº de camas; (b) inclui estabelecimentos com designação de Residenciais; (c) lotação máxima, em nº de campistas; (Alberg.) – Albergaria.

Tabela nº II-4 – Oferta de Alojamento Hoteleiro, por categoria de estabelecimentos e Parques de Campismo no Vale do Sousa (2003)

Categorias de alojamento		Total Geral	Hotéis		Pensões			Alberg.	Centro de Férias (INATEL)
Municípios			☆☆☆☆	☆☆☆	1ª cat.	2ª cat.	3ª cat.(b)		
Castelo de Paiva	E	1	0	0	0	0	1	0	0
	C	28	0	0	0	0	28	0	0
Felgueiras	E	6	1	0	1	0	4	0	0
	C	166	86	0	30	0	50	0	0
Lousada	E	3	0	0	0	0	3	0	0
	C	108	0	0	0	0	108	0	0
Paços de Ferreira	E	3	0	0	0	1	2	0	0
	C	88	0	0	0	48	40	0	0
Paredes	E	4	0	1	0	2	0	1	0
	C	206	0	92	0	66	0	48	0
Penafiel	E	13	0	1	0	0	11	0	1
	C	569	0	100	0	0	259	0	210
Vale do Sousa	E	30	1	2	1	3	21	1	1
	C	1165	86	192	30	114	485	48	210

Fonte: Elaboração DHV MC (2004), ibidem29.

(Plano de Acção para a Implementação e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa, 2004)

Anexo IV – Fotos de infra-estruturas propostas a reconversão

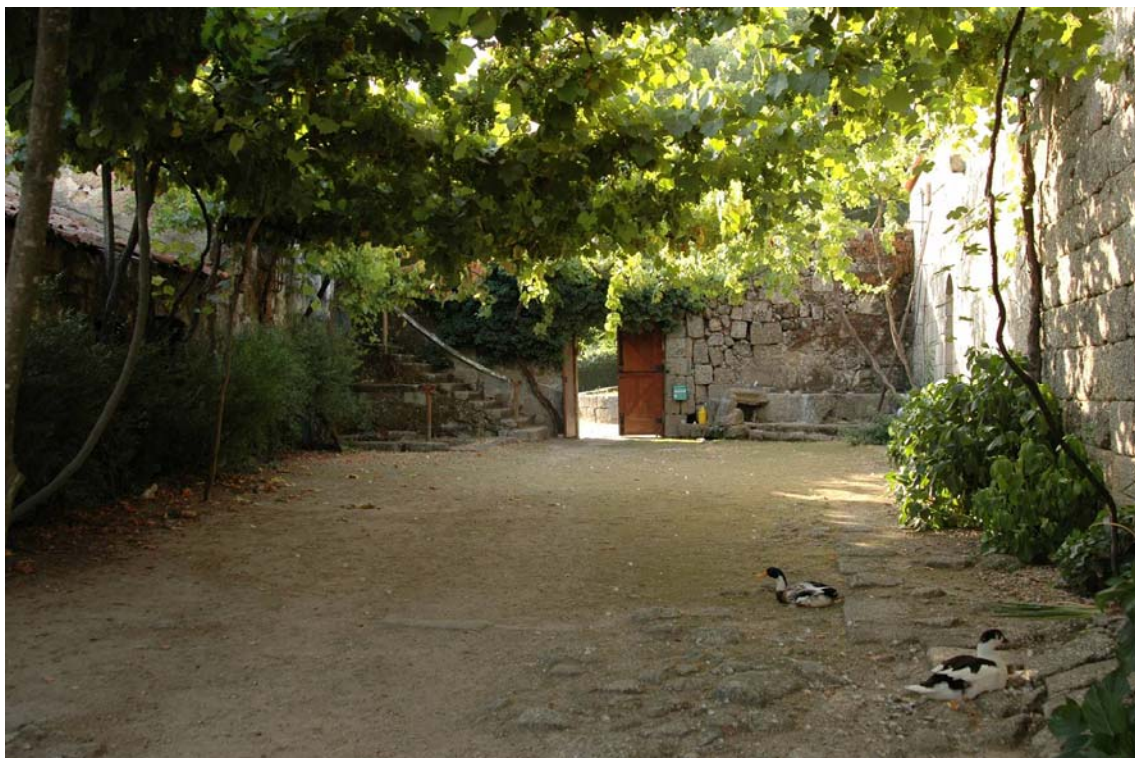
Centro de Interpretação



Bar e sala do românico



Estalagem



Anexo V – Entrevista com Dr. Amândio Santos



Entrevista com Dr. Amândio Santos, Gestor de Projectos, Professor e Programador de Eventos. Cede gentilmente uma entrevista, que tem como tema as possíveis implicações sócio-culturais do projecto “românico a inovar”.

Um projecto que quer dotar o Vale do Sousa de uma agenda lúdico-cultural durante todo o ano tem publico?

Claramente. Nem se coloca tal questão.

Estamos numa área geográfica que contém já mais de 200 mil pessoas, situada a menos de meia hora da Área Metropolitana do Porto, com uma ligação forte ao Vale do Ave através de trajectos também com a mesma duração e a menos de uma hora do distrito de Vila Real. Ou seja, com um potencial de público local, regional e limítrofe que rondará mais de meio milhão de pessoas!

Depois adicione-se a riqueza etnográfica e cultural, bem como o hábito enraizado de forte participação social em eventos do mais diverso calibre: desde as manifestações profano-religiosas às festas concelhias e aos eventos ligados a datas específicas, como o dia da juventude, o dia da criança e similares.

Depois existe já uma razoável implantação de grupos ligados às artes performativas. Da música ao teatro, passando pela dança, o Vale do Sousa conta já com uma boa dúzia de projectos de reconhecida qualidade.

Mas uma coisa é incontornável: a necessidade de elaborar um plano para criação e pedagogia de públicos para eventos lúdico-culturais. E esta estratégia terá de conter uma forte componente de parceria entre os diferentes agentes públicos e privados para que seja possível resultar em pleno!

Na sua experiência profissional tem sentido uma fluência crescente do público aos eventos realizados no Vale do Sousa?

Em mais de quinze anos de actividade profissional na condição de programador e coordenador de eventos institucionais, desportivos, lúdicos e culturais, jamais sofri do chamado “síndrome ansioso da possível falta de público” nem assumi uma produção sem realmente por em prática aquilo que referi na questão anterior: elaborar uma estratégia concreta para atrair o público ao espectáculo, seja este pago ou não, pois só assim o evento será uma verdadeira mais-valia, não só pelo seu conteúdo, mas sobretudo pela importância que vai adquirir no impacto causa na comunidade e em todos os parceiros envolvidos.

Casa cheia é sinónimo de eficiência não apenas no que é proposto mas na forma como o comunicámos.

Desenvolvi nesta região eventos praticamente com todas as autarquias, com empresas municipais e mesmo com parceiros empresariais, em propostas que vão desde os eventos de moda, musicais, teatro, dança, seminários a acções de continuidade no âmbito do desporto e o resultado tem, felizmente, sido sempre o mesmo: enchentes e, no caso dos projectos em que entrei já no decorrer do mesmo, um visível e significativo incremento do público aderente.

Mas vamos a números.

Em 10 edições do Paços da Moda – Concurso Ibérico de Criadores, realizado conjuntamente com o Município de Paços de Ferreira, a média de espectadores rondou as 3000 pessoas por edição. Nas duas edições do Lousada Fashion, registaram-se duas enchentes nos recintos onde foram realizados. São 4 já as edições do Moda Paredes, com uma audiência média de duas mil pessoas. A passagem do Fashion TV Model Awards por Penafiel saldou-se por levar mais de 2500 pessoas até ao Pavilhão de Feiras e Exposições.



Só no ano de 2006, programei e produzi para o Município penafidense uma dezena de eventos, integrados no Ciclo Acção! – Desporto para o Século XXI.

Dois seminários temáticos registaram, no somatório, 300 participantes. Milhares de pessoas foram para as estradas do concelho verem as diversas iniciativas integradas na Semana do Desporto Automóvel, enquanto participantes de todo o país aderiram ao evento Minis à Sopa Seca.

Na área cultural, programei o projecto “Pontes de vista, pontos de contacto” que tem levado a praticamente todas as freguesias rurais de Penafiel as mais diferentes artes performativas clássicas e contemporâneas, registando sempre a forte aderência do público local, teoricamente menos receptivo a este tipo de propostas.

Desde o início do ano que assumi o planeamento, a comunicação e o marketing da Liga LabMED Sentir Penafiel, que integra os campeonatos de futebol amador do concelho. Com esta viragem comunicacional e de estrutura os resultados foram imediatos: o número de clubes participantes passou de 22 para 31, o número de atletas de 1100 para

1400 e a presença de elementos nas acções de formação realizadas tem rondado as 7 dezenas (!) por curso.

Estou agora a preparar um projecto chamado “Noites de Coral” que trará até aos monumentos medievais do Vale do Sousa espectáculos musicais com nomes como os de Rodrigo Leão e Nick Cave.

Um último ponto, de sobeja importância: o cuidado extremo na relação com a comunicação social. Esta assume-se como um parceiro incontornável na forma não só como o evento irá chegar aos potenciais interessados mas ainda na forma como a sociedade em geral vai criar, ou não, empatia com o evento.

E isso é simplesmente vital para o sucesso daquilo que se programa!

Um projecto com estas características, que reúne motivações lúdico-culturais e ambientais-paisagistas, tem condições de para além de atrair publico de outras regiões, se tornar num local atractivo para a população local passar os seus tempos livres?

Remeto para o que respondi nas duas questões anteriores e acrescento que para além de ser uma zona charneira e que pode funcionar como um verdadeiro pólo concorrencial, com capacidade de atracção, o Vale do Sousa beneficia das excelentes infra-estruturas ao nível das vias de comunicação terrestres (auto-estradas, linha do caminho de ferro, percurso fluvial do Douro, etc.) e está a um passo do acesso internacional proporcionado pelo Aeroporto Francisco Sá Carneiro.

Mas não tenham dúvidas que tal só acontecerá se verificarem duas premissas: uma programação de forte qualidade e uma acessibilidade local sem reparos. De nada valerá ter as condições gerais ao melhor nível se depois se realizarem espectáculos sem qualidade ou se, mesmo que os mesmos ostentem uma valia exacerbada, se forem produzidos em locais sem conforto nem ergonomia presencial e nos acessos directos.

Reconhece neste projecto “românico a inovar” a criação de uma janela de oportunidades para a comunidade artística do Vale do Sousa?

O projecto apresentado poderá ser um “boost” para a comunidade artística residente na região.

Perante uma perspectiva de contarem com mais um local que ostenta condições de nível superior e com uma programação a curto e médio prazo, os artistas e as companhias depararão com mais um incremento de entusiasmo e vontade para realizarem os seus conceitos e obras.

Considero ainda que o projecto deverá assumir a possibilidade de realizar projectos de residência para artistas e companhias, de forma a reforçar os laços com os mesmos e a dotar a programação futura de obras realizadas expressamente para o local.

Que considerações lhe merece o plano de ordenamento numa perspectiva de recepção de eventos? Qual a tipologia de eventos mais adequada perante o plano de intervenção apresentado para a envolvente ao Mosteiro de Cête?

O Ordenamento territorial será fundamental para o sucesso do programa de eventos.

Não só por dotar o local da necessária acessibilidade e mobilidade, sem as quais não existirão conforto e eficiência para todos quantos rumem aos espectáculos e para quem os produz, mas sobretudo para que o respectivo ordenamento seja a base para uma forte ligação entre o Mosteiro e a sua área geográfica local, as suas gentes e a apetência de quem visita o espaço e frequenta a programação de também visitar e interagir com a zona e as populações locais.

Quanto aos eventos que demonstrem uma adequação, bem, vejamos a questão por outro prisma: mais do que serem “adequados” deverão reflectir uma ligação entre a contemporaneidade e o culto da riqueza patrimonial e história do Mosteiro.

Deverão ser polivalentes e multifacetados e permitirem uma presença constante da etnografia e dos registos tradicionais, sem deixarem de colocar uma forte componente nas produções contemporâneas.

Do teatro à dança, passando pelas exposições, pela música e pelos seminários, penso que o programa deverá ser o mais eclético quanto possível.

Qualidade e diversidade, eis uma dupla de sucesso na programação!

Anexo VI - Entrevista com Dr. Miguel Leal

Entrevista com o Biólogo Miguel Leal, com experiência de docente na Universidade de Trás-os-Montes, consultor nas áreas de turismo sustentável e ambiente, actualmente exerce a sua actividade profissional, na condição de biólogo na empresa de Águas de Gaia. O seu testemunho enriquece este trabalho, dada a sua formação académica, experiência profissional e conhecimento profundo da envolvente do Mosteiro de Cête. Nesta entrevista a preocupação ambiental, é tema central.



Face às intervenções propostas na envolvente do Mosteiro de Cête no projecto Românico a Inovar, com a intenção de o dinamizar e à sua envolvente com eventos, representa um maior fluxo de pessoas a frequentar e a usufruir de todo o potencial ambiental-paisagístico. Que consequências ambientais pensa que este facto pode trazer?

Lembro a quinta pedagógica representando uma área de pecuária; os caminhos pedonais, criação de diversas infra-estruturas, desde sanitários, a um parque de estacionamento ou a reconversão de alguns edifícios.

Relativamente ao caminho pedonal para o Covão tem de haver uma carga máxima a definir, porque as pessoas estão a atravessar a floresta, o piso neste momento é frágil, é um ecossistema mais ou menos sensível, por isso, convém que haja um limite máximo de pessoas a poderem visitar o (covão). Em relação às outras infra-estruturas, depende um pouco de como a gestão vai ser feita, a gestão das pessoas, de modo a que exista um impacto mínimo. Relativamente à quinta pedagógica, acho que o promover do contacto directo dos animais com as pessoas, é benéfico, aliás pode ser muito interessante organizar visitas de crianças a estes espaços, que para além do contacto visual, permitem o toque físico.

Nos caminhos pedonais, o que pode ser pior, é a degradação do solo da floresta, ao ter uma grande carga de visitantes, rapidamente vão erudir todo o percurso e vão desgastar o terreno florestal, certamente vão sair do trilho.

Como poderá ser calculado um nº limite de visitantes?

Para definir um nº máximo por dia de pessoas a usufruírem, terão de ser feitos cálculos, baseados no tipo de piso, ecossistema e etc. Por isso não posso dar um número exacto, no entanto nunca mais de 200 pessoas por dia e distribuídas por todo o dia, nunca deixar mais de 20/30 pessoas ao mesmo tempo, até pelo impacto que umas pessoas vão ter sobre as outras diminuindo a qualidade da visita ou experiência.

A existência de espécies cujo ecossistema são as paredes de alguns edifícios propostos a reconversão, como o beiral ao lado do mosteiro, representa um perigo significativo no equilíbrio ambiental da envolvente do Mosteiro de Cête?

Provavelmente as espécies desaparecem.

No mosteiro penso que não vai haver mais obras, por isso o que existe deve continuar a existir. Nos beirais e casas antigas que forem alvo de reconversão, provavelmente vai-se estar a tirar refugio a algumas espécies que lá vivam, mas ao estar a fazer a reflorestação ao lado, vai-se criar outro tipo de abrigo, portanto as espécies podem desaparecer durante algum tempo, mas vão tornar a voltar.

Sim, talvez até surjam com mais força talvez dadas as condições criadas ao lado, como referiu?

Exactamente, por exemplo, imaginemos que vive uma colónia de morcegos no beiral, podemos criar caixas para morcegos ou para determinadas aves, que se podem pendurar em árvores que existam na zona, portanto se o projecto for feito com a vida selvagem em mente, há uma gestão que pode ser feita e não se vai prejudicar a vida selvagem.

Quais as vantagens da reflorestação em algumas áreas com espécies autóctones?

A reflorestação com espécies autóctones seria excelente, terá de ser um projecto a longo termo, pois a maioria das espécies que estão nesta zona são autóctones, e por isso estão adaptadas ao bosque autóctone, neste momento o que temos são australianas, eucaliptos e

pinheiros, as australianas e eucaliptos pouco vão dar, talvez a função abrigo e pouco mais. Ao criar espécies autóctones, vão aparecer novos ecossistemas, mais produtivos, com um efeito abrigo enorme, abrigo para reprodução também vai ter um grande efeito, pois as espécies vão aumentar os seus efectivos e tornarem-se muito mais visíveis para os turistas. Para além disto vão aparecer também espaços de movimentação para a fauna, e cria-se um ciclo de alimentação de espécies que vão alimentar outras espécies e assim sucessivamente. Sim claro, é muito mais agradável estar num bosque de carvalhos do que num eucaliptal. Aumentam as hipóteses ver outras formas de vida selvagem, quer animal, quer vegetal. Sim aliás vai tornar a paisagem muito mais parecida com o que ela foi na época medieval.

A proposta de rede viária e o local de estacionamento dão garantias à partida de salvaguarda do ambiente na envolvente do Mosteiro de Cête?

Sim, não penso que essas obras vão ter grande impacto ambiental, no entanto visualmente há que ter alguns cuidados para não ferir a bacia de protecção visual do Mosteiro de Cête. Mas segundo a proposta apresentada neste trabalho, seria bom, porque vamos afastar o estacionamento, vamos estar a criar um percurso para pessoas que tenham dificuldades de locomoção o possam fazer facilmente.

A nível ambiental à partida é positiva a localização do estacionamento?

Sim, inclusivamente tem ali alguns “inputs”, que ao colocar ali o estacionamento, fazem com que o impacto ambiental seja mínimo, desde que em termos de Informação/sinalização seja bem feito.